RELATO DE EXPERIÊNCIA

Entre passado e presente, a história de luta e afeto da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro

Between past and present, the history of struggle and affection of the Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro

Recebido em: 23/08/2024
Aprovado em: 16/01/2025

Sarah Braga

Nathália Lardosa

Sobre as autoras >>

RESUMO

Fundada em 2013, a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (Remus-RJ) se constitui enquanto movimento coletivo, composto por iniciativas de base comunitária, ancoradas na museologia social, que lutam e resistem pela preservação da memória e do patrimônio de seus territórios. A Remus-RJ desenvolve um trabalho horizontal com base na democracia a partir de encontros mensais nos museus que a compõem. Esses encontros são construídos com base no diálogo e em trocas políticas, afetivas e culturais, tendo em perspectiva o fortalecimento e o apoio aos museus e iniciativas que participam da Remus-RJ. Este trabalho pretende apresentar historicamente esse coletivo e suas ações, desde a sua criação até o ano presente, a partir de revisão documental sobre a rede e da própria rede. Além disso, apresenta suas ações atuais e projetos futuros. Ao longo da escrita desse material percebeu-se o fortalecimento que a união em rede possibilita e a importância de ações coletivas realizadas em comunidade.

Palavras-chave: *Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro; Museus comunitários; Museus sociais; Museologia social; Política pública.*

ABSTRACT

Founded in 2013, the Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (Remus-RJ) is a collective movement composed of community-based initiatives, and anchored in Social Museology that fight and resist for the preservation of the memory and heritage of their territories. The term rede in portuguese is embedded with a meaning of both collectiveness and movement. Remus-RJ develops horizontal work based on democracy through monthly meetings in the museums that form it. These meetings are built on dialogue and political, affective and cultural exchanges with a view to strengthening and supporting the museums and initiatives that participate in Remus-RJ. This article aims to present the history of this collective and its actions, from its creation to the present year, based on a documentary review about the network and the network itself. In addition, it presents its current actions and future projects. Throughout the writing of this material, it became clear the strengthening that the union in a network makes possible and the importance of collective actions carried out in the community.

Keywords: *Rede de Museologia do Estado do Rio de Janeiro; Community museums; Social museums; Social museology; Public policy.*

CC BY

Introdução

A partir da influência dos movimentos sociais nacionais e internacionais, que aconteceram da segunda metade século XX em diante, como o movimento negro, o movimento feminista, o movimento operário, entre outros, houve a realização da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972),[1] a Declaração de Quebec (1984)[2] e a criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom) (1985) (Rechena; Sancho; Janeirinho, 2020). Tais eventos, por sua vez, possibilitaram a ampliação conceitual de *museu* de forma que se tornasse mais democrática, comprometida com a sua comunidade de referência e também com a sua função social.

No Brasil, esse contexto sociocultural serviu de base para a consolidação das políticas públicas para o campo entre 2003 e 2013.[3] Podemos elencar alguns exemplos dessas ações: a Política Nacional de Museus (PNM), o Estatuto de Museus, o Sistema Brasileiro de Museus (SBM), o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), o Plano Nacional Setorial de Museus, a criação do Programa Pontos de Memória, o lançamento do primeiro Edital Prêmio Pontos de Memória e a criação de diversos cursos de graduação, mestrado e doutorado em Museologia em diversos estados do país.

A partir desse contexto internacional e nacional, foi fundada, em 2013, a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (Remus-RJ)[4] que se constitui como um movimento coletivo, composto por iniciativas de base comunitária, ancoradas na museologia social que lutam e resistem pela preservação da memória, do patrimônio e de seus territórios. Isto pode ser averiguado em suas redes sociais e

1 Em 2022, a Mesa Redonda de Santiago do Chile completou cinquenta anos de sua realização e contou com diversos eventos, publicações e debates em sua comemoração. Ver: Icom (1999).

2 Ver: Declaração..., 1999 nas referências ao final deste texto.

3 Para mais informações sobre museus, museologia e políticas públicas, consultar a tese de Monteiro (2016).

4 Na seção seguinte apresentaremos a definição de museologia social compreendida pelas autoras e utilizada pela Remus-RJ.

seus documentos oficiais publicados, como, por exemplo, a ata de sua primeira reunião de fundação.[5]

A rede, que completou dez anos de existência em 2023, pode ser apresentada como um coletivo que desenvolve um trabalho horizontal com base na democracia, a partir de encontros mensais nos museus que a compõem. Esses encontros são ancorados no diálogo, nas trocas políticas, afetivas e culturais, tendo em perspectiva o fortalecimento e o apoio aos museus e iniciativas que participam da Remus-RJ, aspirando à existência de uma sociedade mais democrática, justa e com equidade social (Chagas; Braga; Lardosa; Porto, 2024).

O presente texto tem como pressuposto apresentar a rede, sua criação, seu funcionamento, assim como suas ações ao longo dos seus doze anos de existência – por meio de revisão bibliográfica, de artigos, monografias e dissertações sobre a mesma, e também através da leitura de documentos internos, atas de reunião e material de comunicação.

O trabalho inicia contextualizando as mudanças conceituais do campo da Museologia até chegar ao conceito de museologia social. Em seguida, apresenta o contexto político-cultural desde quando se deu a idealização da rede até o momento de sua criação. Passa, então, para a apresentação de algumas de suas atividades iniciais, planejadas entre os anos de 2014 e 2015, que foram concretizadas entre os anos de 2016 e 2018 – mediante apoio financeiro de emenda parlamentar, entre elas, o diagnóstico de vinte e cinco iniciativas museais, ancoradas na museologia social no estado do Rio de Janeiro.[6]

Na sequência, o texto apresenta como a rede funciona atualmente, focando em ações dos últimos três anos, incluindo a realização do I Festival de Museologia Social e a criação da exposição *O museu somos nós*. Por fim, apresenta as ações em execução, como a

5 Ver o blog da Remus-RJ: https://rededemuseologiasocialdorj.blogspot.com/p/ata-de-reuniao.html. Acesso em: 13 jan. 2025.

6 Essa ação será detalhada em uma seção mais adiante. Ver: Chagas; Braga; Lardosa; Porto, 2024.

manutenção dos encontros mensais da rede, e indica ações futuras, como a realização do II Festival de Museologia Social, previsto para o primeiro trimestre de 2025.

O trabalho é escrito por duas mulheres militantes da museologia social que participam das atividades da rede desde 2014 e atuam no grupo de articulação da Remus-RJ, tendo, assim, presenciado internamente a maioria das ações que serão apresentadas no decorrer deste texto.

O que é compreendido como museologia social?

Para falar da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro é necessário contextualizar e conceituar o que é compreendido, dentro deste trabalho, como *museologia social* e, como os museus e grupos inseridos nesses coletivos se apropriaram e se apropriam dessa teoria e prática.

É importante salientar que os museus, conforme conhecidos hoje, têm sua origem na Europa com a função de guardar e preservar os bens materiais e servir de dispositivos ideológicos de Estado, tendo em sua lógica os interesses das classes dominantes, disciplinando e controlando o passado, o presente e o futuro das sociedades (Chagas, 2012). Além disso, como coloca Varine, no resto do mundo não europeu os museus são construções coloniais e suas práticas, durante muito tempo, e em certos museus até hoje, foram pautadas por métodos colonizadores da cultura e do patrimônio (Varine, 1979).

Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, muitas foram as transformações que ocorreram nas sociedades que influenciaram o modo de ver e pensar os museus, para isso os movimentos contestadores foram essenciais. Foi visto o despertar de grandes mudanças e a luta pela diminuição das desigualdades sociais expressados, por exemplo, pelos movimentos feministas, negro, dos trabalhadores, *hippie* e tantos outros. Em paralelo a isso, a América Latina vivia uma onda de ditaduras militares que cerceou os direitos democráticos e a liberdade de seu povo, cujo debate sobre essas questões sociais se tornaram ainda mais urgentes. Nesse contexto, os museus foram desafiados a abandonar uma

museologia conservadora e normativa e convocados a potencializar sua perspectiva social e transformadora.

Destaca-se nesse cenário o documento construído em 1972, na Mesa Redonda de Santiago do Chile, considerado um marco da museologia social, cuja carta final sintetizou os anseios e as perspectivas emergentes tanto da sociedade quanto do campo da museologia. Observando seu documento, pode-se perceber que pela primeira vez, com tal relevância e abrangência, há registros de forma contundente da função social do museu, sendo direcionada para o centro da discussão, e seu papel transformador da realidade colocado em pauta.[7] Outra grande reflexão que se apresenta neste documento foi a passagem do sujeito contemplativo, passivo, para o sujeito ativo, que se apropria dos bens culturais como ferramenta de transformação de sua realidade.

> [...] que os problemas da sociedade contemporânea são devidos a injustiças, e que não é possível pensar em soluções para estes problemas enquanto estas injustiças não forem corrigidas; [...] Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades a que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais (ICOM, 1999).

Em 1984 é realizado, na cidade de Quebec, o Encontro Internacional para Nova Museologia, que resultou na Declaração de Quebec, outro marco da museologia e da museologia social. Moutinho, comentando sobre a declaração de Quebec, registra que:

7 Anteriormente à Mesa Redonda de Santiago do Chile, outros trabalhos de autores da área e museus foram criados questionando o papel social dos museus, seu formato e sua atuação, como os trabalhos de Alma Wittlin e Hugues de Varine, além dos ecomuseus europeus e alguns museus nacionais – casos, por exemplo, do Museu de Imagens do Inconsciente, de 1952, do Museu do Índio, de 1953, e do Museu de Arte Negra, de 1955. Dessa forma, reconhecemos a importância da declaração como também do esforço realizado anteriormente a ela que possibilitou a sua criação. Sobre isso, ver: Primo; Moutinho, 2020.

> [...] não é de certa forma qualquer novidade conceitual no texto em si, pois desse ponto de vista retoma, com as devidas atualizações o essencial de Santiago, mas sim o fato de ter confrontado a comunidade museal com uma realidade museológica profundamente alterada desde 1972, por práticas que revelam uma museologia ativa, aberta ao diálogo e dotada agora de uma forte estrutura internacional (Teixeira, 2012).

Fruto desse encontro em 1985, foi criado o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom), que está em exercício até hoje e tem como foco as mudanças sociais e culturais, reunindo indivíduos dedicados à museologia ativa e interativa. Aberto a diversas abordagens que utilizam o museu para construir e desenvolver a identidade comunitária, incentiva relações cooperativas entre usuários e profissionais, e promove a colaboração intercultural.[8]

Ainda nessa conjuntura, observa-se, segundo texto da professora Maria Célia Teixeira M. Santos (2002), que no encontro de Quebec, em 1984, foi estabelecido um grupo de trabalho provisório que visava criar um comitê dentro do Conselho Internacional de Museus (Icom) dedicado aos ecomuseus, museus comunitários e museus sociais. No entanto, esse comitê nunca se concretizou. Após Quebec, apenas o Minom foi fundado e, anos depois, foi reconhecido pelo Icom. Como fruto dessa demanda histórica e impulsionada pelas práticas e teorias da museologia social, apenas em 2024 foi criado o Comitê Internacional de Museologia Social (Somus-IC), na I Conferência Internacional da Museologia Social, realizada no Museu da República, no Rio de Janeiro, Brasil.[9]

Essas mudanças, pautadas no campo internacional, não foram imediatas e demoraram a chegar ao Brasil, que também sofria com uma ditadura civil-militar. Dessa forma, o povo e as comunidades marginalizadas se organizavam de diversas formas, e como podiam, para resistir às injustiças e explorações vigentes.

---

8 Ver o site do Minom Portugal. Disponível em: https://www.minom-portugal.org/sobre. Acesso em: 21 jun. 2024.

9 Para mais informações, ver: https://somus.mini.icom.museum/homepage/welcome-pagina/ Acesso em: 13 jan. 2025.

Após a apresentação de marcos internacionais significativos que contextualizaram as transformações nos conceitos e as visões sobre museus e museologia, realizou-se um salto temporal para investigar a realidade brasileira. Destaca-se, para o entendimento da museologia social no Brasil, a consolidação de políticas públicas no campo museológico entre 2003 e 2013,[10] com destaque para a gestão do ministro Gilberto Gil, no primeiro governo do presidente Lula. São exemplos dessas ações: a Política Nacional de Museus (PNM); o Estatuto de Museus; o Sistema Brasileiro de Museus (SBM); o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram); o Plano Nacional Setorial de Museus; a criação do Programa Pontos de Memória; o lançamento do primeiro Edital Prêmio Pontos de Memória; e a criação de diversos cursos de graduação, mestrado e doutorado em Museologia em diversos estados do país.

Percebe-se ainda que esse período foi decisivo para o fortalecimento do campo da museologia social no Brasil, não só na esfera das políticas públicas, mas também nas ações dos movimentos sociais, que serviram como fonte de nutrição para as políticas mencionadas e, ao mesmo tempo, foram por elas alimentadas. São alguns dos marcos e fontes de inspirações, no contexto do Rio de Janeiro, as seguintes iniciativas: o Museu da Maré, criado em 2006; o Museu de Favela (MUF), criado em 2008; o Museu Sankofa Memória e História da Rocinha, criado em 2008; o Museu Vivo do São Bento, criado também em 2008; e o Museu do Horto, criado em 2010 (Chagas; Braga; Lardosa; Porto, 2024).

Os conceitos e as práticas aqui apresentados foram apropriados e reapropriados de maneira singular por diversos grupos que utilizaram, e continuam a utilizar, o museu e a memória como ferramentas de luta, resistência e transformação social, consolidando a museologia social conforme conhecida hoje. Esse processo é evidenciado através da história e da memória de diferentes grupos espalhados pelo Brasil, com ênfase aqui nas iniciativas e grupos que compõem a Remus-RJ. Por fim, para concluir essa seção, pode-

10 Para mais informações sobre museus, museologia e políticas públicas, consultar a tese de Monteiro (2016).

-se dizer que a rede e seus integrantes têm como referência, sejam em suas práticas, sejam em suas teorias, o seguinte conceito:

> A museologia social, nos termos como a praticamos e pensamos, escova o museu e a própria museologia a contrapelo,[11] afirma a dignidade das classes populares, a potência dos povos indígenas e dos povos afro-brasileiros, a força dos movimentos feministas e LGBTI, a ecologia dos saberes e a mobilização dos afetos poéticos e políticos a favor da potência da vida. A museologia social, como aqui é compreendida, está inteiramente a serviço da vida. Fica o que significa. Para finalizar, queremos repetir e dizer: a museologia que não serve para a vida não serve para nada (Chagas; Pires, 2018, p. 308).

A Remus-RJ e seu início

Em outubro de 2013, no Museu da República, foi criada a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (Remus-RJ) durante uma reunião que retomou planos e projetos iniciados em 2007,[12] e que fora convocada por diversos atores sociais, instituições e experiências singulares e criativas. Ao longo de seus doze anos de atuação, a Remus-RJ pautou-se pelo trabalho coletivo, conectando as diversas iniciativas do campo da memória e da museologia social espalhadas pelo estado. Entre seus principais objetivos, destaca-se o fortalecimento dos diversos grupos que a integram, promovendo a união de forças e a troca de experiências por meio de uma abordagem horizontal e democrática.

Destaca-se ainda que a rede foi criada dois meses após a XV Conferência Internacional do Minom, realizada em agosto de 2013 no Rio de Janeiro, e sediada no Museu da República, no Museu da Maré e no Museu de Favela, com uma abrangente participação nacional e internacional. A escolha de dois museus comunitários, o Museu da Maré e o MUF, já reconhecidos pela aplicação prática e teórica da museologia social, reforçou o papel do encontro. A conferência atuou como um cata-

11 Ver o dossiê de Museologia Social no *Cadernos do CEOM* (2014).

12 Ver: https://redemuseusmemoriaemovimentossociais.blogspot.com/2010/08/memoria-da-reuniao-da-rede-museus.html. Acesso em: 10 jan. 2024.

lisador para a Remus-RJ, fundada em alinhamento com os princípios estabelecidos na Declaração Minom Rio 2013, tornando-se um dispositivo articulador, mobilizador e estimulador. No documento final, observam-se questões que ressaltam sua relevância no contexto em questão:

> Em defesa de uma Museologia com intenção de mudança social, política e econômica, a partir da mobilização social, por intermédio de um processo de conscientização vinculado à memória e que reconhece as tensões e os vários tipos de violências sofridas pelos seres e agentes portadores de memória, consideramos a importância de: a) reafirmar os princípios anunciados nas declarações de Santiago do Chile, 1972, e Quebec, 1984; b) quebrar hierarquias de poder, a fim de que surjam novos protagonistas de suas próprias memórias; c) compreender os museus comunitários como processos políticos, poéticos e pedagógicos em permanente construção e vinculados a visões de mundo bastante específicas; d) dar relevo à atuação dos museus sociais, dos museus comunitários, dos ecomuseus, dos museus de favela, dos museus de território, dos museus de percurso e dos espaços museais – todas essas organizações tiram e põem, fazem e desfazem suas memórias, sentimentos, ideias, sonhos, ansiedades, tensões, medos e vivem sua própria realidade, sem pedir permissão às autoridades estabelecidas; e) reconhecer que todos esses museus e processos museais assumem seus próprios "jeitos" de musealizar e se apropriam e fazem uso dos conhecimentos do modo que lhes convém; f) colocar em destaque a compreensão de que a museologia social consiste num exercício político que pode ser assumido por qualquer museu, independentemente de sua tipologia (Minon, 2013).

Figura 1. Reunião de criação da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro no Museu da República. Fonte: Acervo pessoal das autoras, out. 2013.

É importante salientar que os diversos grupos que se uniram através da Remus-RJ são de diferentes regiões marginalizadas do Rio de Janeiro que encontraram no museu, na memória e na luta coletiva, ferramentas de enfrentamento contra injustiças e opressões perpetuadas na sociedade.[13] São museus, ecomuseus, pontos de memória,[14] pontos de cultura,[15] organizações não governamentais, instituições de ensino, profissionais, estudantes e pesquisadores, cujas práticas se compreendem no âmbito da denominada museologia social e que, através de seus modos singulares, desempenham um papel fundamental na educação, na resistência e no empoderamento de suas comunidades. Aqui, fala-se de mulheres, homens e pessoas da classe trabalhadora, das favelas, das áreas muitas vezes esquecidas e perseguidas pelo poder público que vivenciam o racismo, a exploração, a LGBT+fobia entre tantas opressões a que o povo está sujeito. São pessoas que ficam à margem da história com suas narrativas diariamente invisibilizadas e que tiveram a necessidade de pegar suas memórias nas mãos e consolidar suas identidades através da cultura, da memória, do coletivo e do fazer museal. Porque "memórias, patrimônios e museus são campos de luta, conflito, litígio. Nestes campos disputa-se tudo. Disputa-se o passado, o presente e o futuro; o lugar, o espaço e o território" (Chagas; Primo; Assunção; Storino, 2020, p. 61).

Aqui o museu e a museologia servem de ferramenta de luta e resistência, e se colocam verdadeiramente como transformadores sociais a serviço da vida, pois "no campo sociomuseal a memória é utilizada numa perspectiva de transformação da vida presente. Pesquisas e exposições são realizadas com objetivo de conhecer o patri-

13 Um exemplo dessa exclusão é a existência de 254 museus no estado do Rio de Janeiro, sendo 48% deles, ou seja, 124 museus, localizados na mesma cidade, a capital do estado, com uma concentração em um local considerado central, marginalizando culturalmente outros municípios. Para mais informações, ver: Ibram (2011, p. 394).

14 Ver: Prêmio Pontos de Memória. Disponível em: https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/pontos-de-memoria. Acesso em: 25 jun. 2024.

15 Ver: Cadastro Nacional de Pontos e Pontões de Cultura: passo a passo. Disponível em: https://www.gov.br/culturaviva/pt-br/acesso-a-informacao/noticias/cadastro-nacional-de-pontos-e-pontoes-de-cultura-passo-a-passo. Acesso em: 24 jun. 2024.

mônio e as manifestações culturais em movimento na vida social contemporânea" (Chagas; Primo; Assunção; Storino, 2020, p. 73).

Encontros e principais ações

A rede se constrói e se oxigena através de encontros periódicos, nas diversas iniciativas que a compõem espalhadas pelo estado do Rio de Janeiro. Desde sua formação, tem sido uma força motriz do coletivo a questão da descentralização, tanto política como econômica e geográfica (Veiga, 2017), conhecendo o outro, suas práticas, vivências e modos de fazer. É evidente a importância desses encontros, nos quais os grupos se conhecem e se reconhecem, compartilhando desafios, problemas e soluções, e tendo a certeza de que como coletivo há muito mais força.

Outro ponto forte de sua articulação são suas parcerias institucionais bem expressivas, tais como: o Sistema de Museus do Estado do Rio de Janeiro (SIM-RJ), ligado à Secretaria Estadual de Cultura (SEC) e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), através do curso de Museologia.

Além disso, as ações da rede têm contribuído para estimular as parcerias bilaterais e multilaterais entre os atores que dela participam. Um dos grandes focos da Remus-RJ é a formação e a capacitação profissional. Por isso, desde o seu nascimento a rede investiu por conta própria, e contando com a solidariedade dos parceiros, na realização de oficinas que abarcam as seguintes áreas: Introdução à Museologia Social; Museu, Memória e Cidadania na Diversidade Cultural; e Inventário Participativo. No ano de 2014, a rede também participou da elaboração de um dossiê na revista *Cadernos do CEOM* (2014), em que foram reunidos textos inteiramente dedicados à museologia social e que visavam auxiliar na difusão do tema. A rede se movimenta entre política e afetos através de suas relações, portanto:

> [...] ao mobilizar o poder político a rede também mobiliza afetos poéticos. De outro modo: a rede movimenta relações de amizade, de amor, de cumplicidade, de parceria, de solidariedade e de cuidado. Mas, como nada do que é humano é estranho à rede, ela também pode acionar e mobilizar ciúmes,

> ódios, maledicências e traições. De qualquer modo, é importante indicar que, em algumas redes, abraços e danças coletivas, como as cirandas, são utilizadas e consideradas como práticas capazes de contribuir para a transformação e a mobilização de pessoas. Essas e outras experiências permitem a compreensão da conexão entre a Museologia Social e uma possível Museologia do Afeto e do Cuidado (Chagas; Veiga; Cavulla, 2021, p. 440).

No decorrer desses doze anos, muitas outras ações foram realizadas, tais como parcerias interestaduais e internacionais, participação em fóruns, debates sobre políticas públicas, pesquisas e fomento na área da museologia. No entanto, duas ações tiveram um marco significativo na rede: a obtenção das primeiras emendas parlamentares,[16] que permitiram a execução de ações importantes para a consolidação e estruturação do coletivo, bem como para o campo da cultura e da museologia.

A primeira emenda,[17] executada em 2016, resultou na criação de um edital de premiação, possibilitando o financiamento e o fomento de grupos de museologia social. Essa foi uma iniciativa inédita, em que um grupo da sociedade civil organizada conseguiu pleitear uma emenda parlamentar e democratizar esse recurso através de um edital lançado através de um órgão público, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). O edital "Prêmio Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro"[18] tinha como critério o trabalho com memória e/ou museologia social, e contou com a participação de vinte e uma iniciativas, sendo quinze classificadas e nove premiadas no valor de R$ 30.000,00 (trinta mil reais) cada.

A segunda emenda,[19] executada entre 2017 e 2018, possibilitou a construção de um plano de trabalho para o projeto Redes de Memória e Resistência, que teve como objetivos: realizar pesquisa diagnóstica sobre grupos de museologia social do estado do Rio de Janeiro; registrar e divulgar, por meio de um filme documentário

16 Para mais informações sobre emendas parlamentares ver: https://portaldatransparencia.gov.br/entenda-a-gestao-publica/emendas-parlamentares. Acesso em: 10 jan. 2024.

17 Recebida através do mandato do então deputado federal Alessandro Molon.

18 Ver divulgação no blog da Rede: https://rededemuseologiasocialdorj.blogspot.com/2016/11/edital-premio-de-museologia-social-do.html. Acesso em: 10 jan. 2024.

19 Recebida através do mandato do então deputado federal Chico Alencar.

(Redes..., [2019?]), os grupos de museologia social do estado identificados pela pesquisa diagnóstica, bem como suas ações; ampliar a formação dos grupos que atuam com museologia social no estado do Rio de Janeiro; auxiliar a institucionalização dos grupos de museologia social que compõe a Remus-RJ; auxiliar o desenvolvimento de planos de trabalho de grupos de museologia social que compõe a Remus-RJ, favorecendo a continuidade de suas ações; e incentivar o desenvolvimento de redes de memória e museologia social em outros estados da região sudeste.

Fruto de um esforço coletivo de articulação, essas duas emendas parlamentares foram um marco para a Remus-RJ, ao proporcionar, pela primeira vez, a oportunidade de trabalhar com financiamento. Naquele momento, a rede ainda era um coletivo relativamente novo, mas conseguiu fomentar iniciativas museais, conduzir pesquisas sobre grupos de memória e museologia social e investir em sua própria estruturação. Tudo isso ocorreu em um contexto político desafiador, em que a cultura enfrentava severa escassez de verbas e sucateamento.[20]

A pesquisa diagnóstica

Uma das ações a ser aprofundada neste trabalho, devido à sua significativa importância e ao panorama substancial que apresentou da museologia social no estado do Rio de Janeiro, é a pesquisa diagnóstica. Realizada no âmbito do projeto Redes de Memória e Resistência, no período de maio de 2017 a maio de 2018,[21] ela teve como

20 Apenas um exemplo do descaso que a cultura vivia naquele momento, durante o governo do presidente Michel Temer, houve uma tentativa de fechar o Ministério da Cultura (MinC) como parte de medidas para redução de custos e reorganização administrativa. Em maio de 2016 Temer anunciou a fusão do MinC com o Ministério da Educação, formando o Ministério da Educação e Cultura (MEC). Essa decisão gerou uma onda de protestos e resistência de artistas, produtores culturais, intelectuais e a sociedade civil, com ocupações e manifestações em várias cidades do Brasil. Os manifestantes argumentavam que a cultura brasileira necessitava de um ministério dedicado exclusivamente a ela. Após semanas de manifestações e pressão popular, o governo recuou e restabeleceu o MinC em junho de 2016, uma vitória para os movimentos culturais e um reconhecimento da importância do ministério para a promoção e valorização da cultura brasileira.

21 Projeto já citado acima, fruto da emenda parlamentar do deputado Federal Chico Alencar.

objetivo sistematizar as informações dos grupos que trabalham com a memória e a museologia social no estado do Rio de Janeiro.

Ressalte-se que, desde sua formação, os integrantes da Remus--RJ já sentiam a necessidade de sistematizar as informações dos grupos que trabalham com a memória de suas comunidades e com a museologia social espalhados pelo estado do Rio de Janeiro, e serem constantemente informados sobre a existência dessas iniciativas, novas ou antigas.

Inicialmente essa pesquisa foi pensada no âmbito do Projeto de Extensão Museologia e Turismo em Ação (Mutação) da UNIRIO. Essa primeira experiência, que contava com recursos limitados da bolsa de extensão universitária, originou os fundamentos do formulário usado na pesquisa diagnóstica e foi realizado em três iniciativas. As autoras deste trabalho tiveram a oportunidade de participar como bolsistas do projeto com o professor responsável Mario Chagas.[22] Ficou claro para o coletivo que garantir uma sistematização e mapeamento desses grupos era fundamental, e quando surgiu a oportunidade de ampliar e estruturar financeiramente o projeto, ele foi incluído no plano de trabalho da referida emenda parlamentar.

A pesquisa diagnóstica identificou e visitou vinte e cinco grupos que trabalham com a museologia social, tendo como foco o trabalho com a memória de suas comunidades e suas práticas. Foram elas: o Museu Sankofa Memória e História da Rocinha; a Associação de Moradores e Produtores Agrícolas de Carrapato (AMPROAC); a Aldeia Guarani Mata Verde e Bonita; a Associação Religiosa Di Esin; a Casa do Jongo da Serrinha; o Centro de Referência de Estudo Afro do Sul Fluminense (Jongo de Pinheiral); o Cerro Corá Moradores em Movimento; o Clube Palmares; o Ecomuseu Amigos do Rio Joana; o Ecomuseu Caceribú; o Ecomuseu de Sepetiba; o Ecomuseu Ilha Grande; o Ecomuseu Rural de Barra Alegre; o Grupo Diversidade de Niterói; o Museu Casa Bumba Meu Boi / Raízes de Gericinó; o Museu da Maré; o Museu das Remoções; o Museu de Arqueologia de Itaipu; o Museu de Favela; o Museu do Horto; o Museu do Samba; o Museu Marinheiro

22 Professor na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), ex-diretor do Museu da República. Atualmente é pesquisador do Museu da República e um dos articuladores da Remus-RJ.

João Cândido; o Museu Vivo do São Bento; e a Rede Fitovida e TV Maxambomba - Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP).

Tendo como referência o formulário criado na pesquisa realizada pela bolsa de extensão, e a experiência prática e teórica dos integrantes do Remus-RJ, foi construído um formulário *on-line*, a ser respondido antes da visita, e um roteiro de perguntas a serem feitas durante a entrevista filmada pela equipe de audiovisual contratada para o projeto. A filmagem tinha como objetivo a construção de um documentário da Remus-RJ.

Devido aos recursos disponíveis, chegou-se ao número de vinte e cinco iniciativas, e os critérios utilizados para a realização das visitas foram os de que os grupos selecionados tivessem representatividade estadual, selecionados por regiões administrativas. Cada região administrativa teve pelo menos um grupo selecionado para visita, e a representatividade de temas como o trabalho com a memória de pescadores, indígenas, favelas, jongo, rezadeiras, erveiros, mulheres, LGBTQIAPN+, etc. Além disso, levou-se em consideração os grupos que já faziam parte da Remus-RJ, indicações dos participantes e a consulta ao cadastro dos pontos de memória e dos pontos de cultura (Chagas; Braga; Lardosa; Porto, 2024).

Para a execução do projeto foram selecionados, por meio de edital público, três profissionais para trabalharem na pesquisa diagnóstica, uma coordenadora, um pesquisador articulador e uma pesquisadora produtora, sendo eles respectivamente: Nathália Lardosa, museóloga e articuladora da Remus-RJ, participante da Rede de Museologia Social desde o ano de 2014 e da pesquisa realizada pela bolsa de extensão; Antônio Firmino, um dos fundadores do Museu Sankofa, participante da Remus-RJ desde sua fundação, geógrafo com experiência em articulações em rede, e Juliana Veiga, produtora cultural, pesquisadora e também participante da Remus-RJ. Esses profissionais desenvolveram algumas das etapas metodológicas da pesquisa – as iniciativas eram contatadas para o agendamento, os pesquisadores realizavam uma breve pesquisa sobre a iniciativa e o formulário *on-line* era enviado para ser preenchido antes da realização da visita.

Durante as visitas o objetivo principal era realizar uma entrevista oral e uma visita ao museu ou um percurso realizado pelo ter-

ritório da iniciativa, que também era gravada pela equipe de filmagem. Posteriormente, a entrevista era transcrita e cada iniciativa visitada teve um relatório com os seguintes tópicos: resumo da iniciativa; pontos de diferenciação, características próprias daquele território; e algum fato curioso, único.

As visitas geraram outros produtos: a filmagem, tanto da entrevista quanto do percurso/museu; formulários digitais com as principais informações de cada grupo; um documentário disponível *on-line* (Redes, [2019?]) no final do projeto; e uma monografia. Essa ação representou um marco no desenvolvimento da Remus-RJ, gerando mudanças significativas em sua dinâmica e estrutura e foi um fator importante no fortalecimento e desenvolvimento das atividades e ações seguintes realizadas pela Rede.

Ações da Remus-RJ nos últimos cinco anos

Após apresentar o contexto de criação da rede e suas ações iniciais, é pertinente situar a rede no presente, através de ações realizadas nos últimos anos, ações que aconteceram no ano de 2024 e as previstas para o futuro.

É comum o apagamento do período pandêmico ao se narrar uma história dentro dos museus, pois foi um período difícil, tanto para a sociedade brasileira quanto para a sociedade mundial, e pode gerar emoções diversas ao ser lembrado. Entretanto, aqui o esquecimento não é considerado um caminho possível. Por isso, ao falar das últimas ações da rede, retorna-se para 2020.

Devido às restrições da pandemia global impostas pelo covid-19, a rede suspendeu suas ações entre os anos de 2020 e 2021. Dessa forma, foram interrompidos os encontros mensais de forma presencial. Ao mesmo tempo, os participantes que formam a rede compreenderam que o momento era propício para uma prática interna, em que cada museu se direcionava para as necessidades de suas comunidades e a favor de sua sobrevivência.

Isso não significa que os museus integrantes da rede estiveram parados durante esse período. Pelo contrário, nesse momento

eles se preocuparam mais do que nunca com algo central em suas existências: a vida. O Museu da Maré, por exemplo, teve um grande impacto social com arrecadação de cestas básicas, chegando a distribuir, por meio de uma parceria com a Fiocruz e a Frente de Mobilização da Maré, mais de 35.000 cestas básicas no período entre maio e setembro de 2020 (Chagas; Gonçalves; Vassalo, 2022).

Por outro lado, o Museu Vivo do São Bento, além da distribuição de cestas básicas juntamente com outros grupos e instituições – como o Movimenta Caxias, o Movimento Negro Unificado e o VIVA RIO –, também demonstrou uma rápida resposta às restrições impostas pela pandemia, usando seu *site* e as suas redes sociais para a manutenção do contato da sua comunidade com o patrimônio histórico e cultural apresentado pelo museu.

Esses são apenas dois exemplos, dentre outros existentes, de como os museus sociais responderam às questões apresentadas nesse período tão difícil, especialmente para as comunidades que são formadas majoritariamente por pessoas em situação de exclusão social. Veja-se o próprio exemplo da Maré, um bairro localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, formado por um conjunto de quinze favelas, que sofrem corriqueiramente com a violência e a dificuldade de acesso a serviços básicos como o saneamento básico.[23] Segundo pesquisa da organização Redes da Maré, através do projeto De Olho na Maré, entre 2017 e 2022 ocorreram 144 invasões de domicílios e 116 mortos decorrentes de operações policiais, (Redes da Maré, [2022?]).

Após as restrições do covid-19, a rede realizou, mas ainda com cautela, o seu primeiro encontro presencial no Museu de Favela (MUF), em abril de 2022, marcando o retorno de suas atividades. De acordo com registros fotográficos, foi uma reunião mais intimista, com a presença de poucos membros, sinalizando o reinício dos diálogos coletivos e do planejamento de forma ampla dos próximos encontros presenciais da rede.

23 Como exemplo, a Ação Civil Pública (ACP) do Saneamento Básico de Nova Holanda (processo nº 0313817-60.2017.8.19.0001). Ver: https://mareonline.com.br/direito-ao-saneamento-basico-na-mare. Acesso em: 10 de dez. de 2024.

O ano de 2022 serviu para dar novo fôlego, reunir forças, pensar e repensar os rumos que a rede e os museus tomariam adiante. Isso pôde ser visto no segundo encontro de 2022, em 23 de maio, no Museu Casa do Bumba Meu Boi em Movimento Raízes de Gericinó, que contou com quatorze participantes[24] e já apontava para a volta dos encontros mensais e a revisitação de antigos projetos da rede para que pudessem finalmente ser realizados.

Conforme a ata, o terceiro tópico de discussão da pauta desta reunião foi levantado por Mario Chagas[25] por meio de uma proposta de exposição itinerante. Sua ideia era que se iniciasse uma organização para criar uma exposição a partir de dois objetos e uma fotografia de cada museu integrante da Remus-RJ. Para ele, essa seria uma continuidade de um projeto anterior, a exposição Rio Somos Nós! Los museos comunitarios de Río de Janeiro y el "giro decolonial", que aconteceu em Madri, em 2020, através de uma parceria entre a Remus-RJ e o Museo Nacional de Antropología de Madrid.

Já em sua terceira reunião do ano e a segunda reunião ampliada da rede pós-pandemia, em 27 de junho de 2022, no Museu das Remoções, foi dada a notícia de uma rubrica em uma emenda parlamentar,[26] captada pelo Museu Vivo do São Bento, e destinada a ações da rede. A rubrica foi uma ação de generosidade do museu com o coletivo, por acreditar nos trabalhos e ações da Remus-RJ, nos seus museus integrantes e no poder que existe no compartilhar.

Ao se pensar nas possibilidades de ação com esse dinheiro, foi retomada a conversa – iniciada ainda no encontro no Museu Casa do Bumba Meu Boi em Movimento Raízes de Gericinó – sobre a criação de uma exposição itinerante da rede que percorresse os museus comunitários e também a sugestão da criação de um festival. Assim, neste encontro foi decidido que essa rubrica seria dividida em três frentes que contemplassem a realização da exposição itinerante, a criação e realização do I Festival de Museologia Social e a edição de um *e-book* baseado na pesquisa diagnóstica em 2017

24 Conforme a ata da reunião.

25 Um dos cofundadores da Remus-RJ e presente em sua articulação até hoje.

26 Recebida através do mandato do então deputado federal Glauber Braga.

e 2018. Outra demanda colocada pelo coletivo foi uma sistematização dos grupos e museus que compõem a rede através de um cadastro que "oficializasse" de alguma forma a participação dos mesmos na rede.

Figura 2. Reunião mensal da rede no Museu das Remoções. Na foto, da esquerda para a direita, Sarah Braga (articuladora da Remus-RJ), Nathália Lardosa (articuladora da Remus-RJ), Henrique Porto (articulador da Remus-RJ), Marco Antônio Teobaldo (Museu Memorial Iyá Davina), Mario Chagas (Museu da República e articulador da Remus-RJ), Sidney Silva (Museu de Favela), Sandra Teixeira (Museu das Remoções) e Antônio Augusto (Museu Vivo do São Bento). Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2022.

Dentre as ações previstas, a primeira realizada foi o I Festival de Museologia Social, que ocorreu nos dias 16 e 17 de dezembro de 2022 nos jardins do Museu da República, no bairro do Catete, na cidade do Rio de Janeiro.

O festival foi planejado no decorrer dos encontros mensais da rede, sempre de maneira coletiva e com decisões aprovadas por aclamação. A ideia do festival era divulgar de forma ampliada algumas das iniciativas de museologia social presentes no estado do Rio de Janeiro e celebrar suas existências.

Compreendemos que os encontros, apesar de divulgados em rede sociais e abertos sem restrição ou discriminação, para quem se interessasse e pudesse comparecer, acabam se voltando mais para as pessoas já envolvidas com a museologia social – tanto para aqueles que já atuam em museus sociais, quanto para a academia, contando com forte presença de professores, alunos e pesquisadores. O festival apareceu como um ensejo para esses museus serem conhecidos para além dos nossos pares, para um público amplo, em que os interesses sociais, culturais e políticos convergem com os dos museus sociais, mas que ainda assim os desconhecem.

Além disso, o festival foi pensado como um momento de celebração entre os integrantes da rede, pois todos os meses temos encontros leves, divertidos, amigáveis, mas ainda assim voltados para articulação, militância, enfrentamentos, lutas e resoluções. Assim, esses dias seriam um momento de festividade e celebração de tudo o que a rede tem feito e de tudo o que a rede pretende fazer.

Como forma de alcançar esses objetivos, o festival contou com a Feira de Museologia Social, atividades culturais e artísticas, e rodas de conversa.

A Feira de Museologia Social tinha a proposta de apresentar a história e a memória narrada pelos museus sociais em seus espaços e territórios. Ela aconteceu em ambos os dias do evento, das 9:00h às 17:00h, nos jardins do museu, e era formada por dez barracas que apresentavam os seguintes museus sociais: Museu Vivo de São Bento, Museu de Arte e Cultura Urbana da Baixada Fluminense, Museu da Maré, Museu Vivo de Areia Branca, Museu do Horto, Museu Sankofa Memórias e Histórias da Rocinha, Museu das Remoções, Museu Vivo da Capoeira, Museu de Favela e o Museu Almirante Negro Associação dos Amigos do Museu Marinheiro João Cândido.

A escolha dos museus, dentre aqueles que participam da rede, se deu de forma coletiva, através dos encontros mensais, segundo a disponibilidade de tempo e equipe daqueles que quisessem e pudessem participar. Nas barracas, cada museu ficou livre para expor o que quisesse, como artesanatos de produção comunitária, livros e instrumentos musicais ligados à cultura local.

Figura 3. Barracas do I Festival de Museologia Social.
Fonte: Acervo pessoal das autoras, 16-17 set. 2022.

Além da feira, aconteceu uma vasta programação cultural com atividades apresentadas pelos museus a partir de seus contextos culturais. Tal programação ocorreu em ambos os dias, na parte da manhã e da tarde.

Houve, por exemplo, uma roda de capoeira realizada pelo Museu Vivo da Capoeira; contação de história e leitura dramatizada de histórias locais com o Museu da Maré; declamação de poesia, pelo Museu Sankofa; apresentação de samba pelo Museu Vivo de Areia Branca; apresentação de dança cigana e rap *freestyle*, pelo Museu de Arte e Cultura Urbana da Baixada Fluminense; e, no último dia, para fechar a programação cultural, aconteceu uma cena teatral com o Museu das Remoções, mostrando, assim, como os museus são diversos em cultura e história.

Figura 4. Leitura dramatizada pelo Museu da Maré no I Festival de Museologia Social. Fonte: Acervo pessoal das autoras, 16-17 dez. 2022.

Figura 5. Roda de capoeira pelo Museu Vivo da Capoeira no I Festival de Museologia Social. Fonte: Acervo pessoal das autoras, 16-17 dez. 2022.

Ainda como parte da programação do festival, aconteceram duas rodas de conversa. No dia 16 de dezembro, para encerrar o primeiro dia, ocorreu no auditório Apolônio de Carvalho, no Museu da República, a mesa de debate "Democracia, museologia social e políticas públicas", composta por Antonio Carlos Firmino, do Museu Sankofa, Sidney Silva, do Museu de Favela, e Sandra Teixeira, do Museu das Remoções.

O tema desta primeira mesa foi escolhido a partir do contexto político daquele ano, pois, em outubro de 2022, aconteceu a eleição presidencial que pôs fim a um mandato de quatro anos do ex-presidente da república Jair Bolsonaro, que colocou em risco a democracia do país e impôs um retrocesso nacional nos investimentos em políticas públicas para a área da cultura.[27] Foi importante debater esses temas e trazer esperança de forma prática no final daquele ano.

Já no segundo dia, como uma das últimas atividades do festival, aconteceu também no mesmo local a roda de conversa "Afetos, resistências e lutas – experiências de museologia social no Rio de Janeiro", com a presença do professor Antônio Augusto, do Museu Vivo de São Bento, de Mario Chagas, poeta, professor da UNIRIO, e, na época, diretor do Museu da República, de Zilmar Duarte, Mãe de Santo e diretora do Museu Almirante Negro, de Elison Santos, representante do Museu de Arte e Cultura Urbana da Baixada Fluminense, de Mestre Lula, do Museu Vivo da Capoeira, e da deputada federal Jandira Feghali.

Em ambos os dias, um auditório lotado, com pessoas inclusive de pé, acolheu conversas além do horário programado, devido à riqueza das discussões, que contou também com falas dos participantes que quisessem contribuir. Todas as atividades foram divulgadas com posts nas redes sociais da Remus-RJ, e, posteriormente, apresentando a realização das mesmas.[28]

A segunda ação realizada com o dinheiro oriundo da mesma emenda parlamentar foi a exposição *O museu somos nós*, inaugurada no dia 06 de maio de 2023, nos jardins do Museu da República.

---

27 Ver: Portal da Transparência. Disponível em: https://portaldatransparencia.gov.br/funcoes/13-cultura?ano=2022. Acesso em: 21 ago. 2024.

28 Ver: https://rededemuseologiasocialdorj.blogspot.com/. Acesso em: 10 dez. 2024.

A exposição – tributária da exposição *Rio Somos Nós! Los museos comunitarios de Río de Janeiro y el "giro decolonial"* (Madri, 2019)[29] – foi mais uma realização da Remus-RJ e teve como objetivo apresentar a história, a memória e o patrimônio desses espaços, além de contribuir para o fortalecimento dessas iniciativas. A exposição se deu a partir de um processo de curadoria coletiva elaborada pelos articuladores da rede.

Os quatorze museus que formaram a exposição são de diversas partes do estado do Rio de Janeiro: Museu da Maré (Complexo da Maré, Rio de Janeiro); Museu de Favela - MUF (Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, Rio de Janeiro); Museu Sankofa da Rocinha (Rocinha, Rio de Janeiro); Museu Vivo de São Bento - (Duque de Caxias, Rio de Janeiro); Museu Casa Bumba Meu Boi em Movimento - Raízes de Gericinó (Bangu, Rio de Janeiro); Museu das Remoções (Vila Autódromo, Rio de Janeiro); Museu do Horto (Horto Florestal, Rio de Janeiro); Museu Marinheiro João Cândido - Associação dos Amigos do Museu Marinheiro João Cândido (São João de Meriti, Rio de Janeiro); Museu da Arte e da Cultura Urbana (Nova Iguaçu, Rio de Janeiro); Museu Vivo da Capoeira (Duque de Caxias, Rio de Janeiro); Ecomuseu Rural de Barra Alegre (Bom Jardim, Rio de Janeiro); Museu de Memórias da Comunidade Indiana (Tijuca, Rio de Janeiro); Museu Vivo de Areia Branca (Belford Roxo, Rio de Janeiro); e o Museu Memorial Iyá Davina (São João de Meriti, Rio de Janeiro).

Sobre a construção da exposição, os museus participantes deveriam preencher um documento com as seguintes informações: nome do museu; uma frase de destaque; um resumo do museu com seu histórico, ações e sua relação com a museologia social; além do envio de duas fotos que representassem o museu.

A partir disso, a equipe responsável pela exposição trabalhou em cima da edição dos textos, para que todos estivessem em consonância entre si, e fez a seleção das fotos no caso dos museus que enviaram mais de duas. Isso pronto, o material foi enviado para a *designer* diagramá-lo em um *display* de dupla face, onde cada face

29 A exposição virtual encontra-se disponível em: https://artsandculture.google.com/story/vQUBNnaXwWoeIw?hl=es. Acesso em: 5 dez. 2024.

continha as informações sobre um museu, com exceção de um display que tinha informação sobre dois em cada face. A face de cada museu continha o título do museu, onde está localizado, o seu bairro e cidade, o resumo sobre ele, contendo no decorrer do texto a frase destaque enviada pelo museu e, por fim, as duas fotografias (embora em alguns casos apenas uma) que o representasse.

A exposição também serviu como um convite para os diversos públicos iniciarem uma conversa com essas iniciativas, cujas trajetórias e lutas são constantemente apagadas e marginalizadas. Da mesma forma como foi visto no festival, esses museus não têm um espaço de comunicação amplo na mídia tradicional e, por isso, costumam ser conhecidos mais entre a sua comunidade local e entre os militantes da museologia social. A exposição teve como uma de suas propostas ampliar esse alcance o máximo possível. Por motivo, escolheu-se o Museu da República, localizado na zona sul, e a exposição ocupou a área externa e os jardins, que acolhem um grande número de pessoas que cruzam aquele espaço diariamente.

Por tudo isso, a Remus-RJ assumiu o compromisso de desenvolver e apoiar as iniciativas museais que fortaleçam a museologia, a cultura, a arte, a democracia e a defesa de uma sociedade justa e "equalitária".

Assim, no sábado, dia 06 de maio de 2023, às 16:00h, no auditório Apolônio de Carvalho do Museu da República, aconteceu uma mesa de abertura com a presença de Mario Chagas, poeta, professor e então diretor do Museu da República, de Antonio Augusto, professor e membro da direção executiva do Museu Vivo do São Bento, e de Henrique Porto, articulador da Remus-RJ – além de tempo de fala aberto para as pessoas presentes que quisessem participar.

Após a mesa de abertura, nos jardins do museu, ocorreu uma roda de capoeira com o Museu Vivo da Capoeira, uma exposição de arte do Museu Vivo de Areia Branca, uma apresentação de samba e outras atividades culturais.

A exposição é itinerante e dessa forma, ainda em 2023, no Museu da República, entre os dias 29 de julho e 01 de agosto, esteve presente na XIV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), para o evento "Museus, patrimônios e antropologia: novos paradigmas desde o Sul Global" organizado pelo Comitê de Patrimônios

e Museus da ABA e pelo Museu da República. O evento se propôs a refletir sobre questões atuais que entrelaçam antropologia, patrimônios e museus a partir de uma perspectiva do Sul Global.

Já entre os dias 01 e 07 de agosto, esteve no Museu de Favela, no Pavão Pavãozinho Cantagalo, e, do dia 07 ao dia 14 de agosto, ficou na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Em seguida, retornou para o MUF e, em junho de 2024, foi novamente para o Museu da República. Com planos de seguir sua itinerância pelo ano de 2025.

Presente e futuro da Remus-RJ

A terceira e última ação vinculada a essa emenda é a publicação do diagnóstico realizado entre os anos de 2017 e 2018, resultado da pesquisa já relatada anteriormente neste trabalho. A primeira etapa da divulgação foi o livro digital *Relatório da pesquisa diagnóstica da Rede de Museologia Social do estado do Rio de Janeiro*, lançado em 31 de julho de 2024 (Chagas; Braga; Lardosa; Porto, 2024). O livro contou na época com o relatório de cada uma das 25 iniciativas.

A segunda etapa consiste na publicação de um livro físico que apresentará, de forma atualizada, a trajetória histórica da rede e suas ações, e o material do diagnóstico com uma contextualização político-cultural do seu período de construção – além de uma análise crítica sobre esse conteúdo, pontuando as convergências das iniciativas, o período político-cultural nacional que mais teve criações de museus sociais e as regiões com maior concentração de museus desse tipo no estado do Rio de Janeiro. O lançamento da obra está previsto para o primeiro semestre de 2025.

Pensando no futuro, a Remus-RJ está atualmente com uma emenda parlamentar novamente captada pelo Museu Vivo do São Bento,[30] e também construída de forma coletiva entre os articuladores da rede.

Essa emenda começou a ser executada em abril de 2024 e está dando apoio para a manutenção dos encontros mensais. Cada

30 Recebida através do mandato da então deputada federal Benedita da Silva.

encontro da rede, como foi explicado anteriormente, acontece em um museu integrante da Remus-RJ. Sendo assim, com o apoio parlamentar é possível ter um encontro que dure o dia todo, tendo pela manhã a reunião da Remus-RJ e, na parte da tarde, uma visita técnica ao museu que está recebendo o grupo naquele mês.

A emenda viabiliza transporte, almoço e a contratação de uma equipe produtiva, que planeja e executa toda a logística do encontro, e de uma equipe de comunicação que fotografa e compartilha o conteúdo dos encontros nas redes sociais com uma boa qualidade. A equipe desse projeto trabalhava de forma voluntária, até então, podendo agora receber pelo trabalho desenvolvido, o que os participantes da rede consideram justo, bem como possibilita a melhora da própria qualidade das ações da Remus-RJ.

Ainda nas ações previstas nesta emenda, além da manutenção dos encontros que já estão acontecendo, haverá também a execução do II Festival de Museologia Social, previsto para acontecer no primeiro trimestre de 2025, e a manutenção e itinerância da exposição *O Museu Somos Nós*, cobrindo os custos da desmontagem, acondicionamento e transporte.

Assim, a rede segue com seu compromisso social de fortalecimento das memórias, culturas, histórias e saberes de suas iniciativas, celebrando e valorizando a diversidade cultural presente no estado do Rio de Janeiro.

Considerações finais

"Fica o que significa". (Chagas; Pires, 2018, p. 308)

Este trabalho teve como intenção fazer um relato da história da Remus-RJ, suas ações, lutas e afetos, contextualizando-a na conjuntura da museologia, com ênfase na museologia social.

Ao apresentar, na primeira parte do texto, o contexto político cultural global, é possível perceber que nenhum movimento ocorre de forma isolada, mas sempre em diálogo com os anteriores e estes,

entre passado e presente, abrem caminhos para o futuro, em um constante impulsionamento. Já ao apresentar, em seguida, o contexto político-cultural brasileiro, com seus marcos de política pública, é notável a necessidade do comprometimento do Estado para possibilitar ações no campo museal, em especial na museologia social.

O texto mostra como, através da luta dos movimentos sociais e seus desdobramentos no campo político, foi possível a criação da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro e como, através das suas relações políticas com o campo progressista, projetos e ações foram executados com o apoio financeiro de emendas parlamentares, possibilitando o fortalecimento da rede e, consequentemente, dos seus coletivos. Esse apoio segue sendo importante para um funcionamento potente e amplo da rede, ao garantir futuras ações.

Além das relações políticas, a rede existe desde o seu início em parceria com as universidades, através de professores, alunos, bolsistas e pesquisadores nacionais e internacionais, por meio de projetos, pesquisas e com a presença de seus representantes nos encontros mensais. Como exemplo, atualmente, ela é objeto de pesquisa de doutorado no Management Studies da Oxford Brookes University (UK).

Na sequência, foram apresentados o contexto de criação da rede, seu funcionamento e algumas de suas ações. Fica perceptível que o movimento que a rede faz, seja balançando para o sul, seja balançando para o norte, é sempre um movimento coletivo e que atravessa gerações. Estão presentes nessa coletividade vários de seus fundadores, ou seja, pessoas com longa experiência cultural e política no campo museal, e que estão na rede há mais de uma década. Ao mesmo tempo, fazem parte dessa mesma coletividade jovens universitários bolsistas e/ou militantes da museologia social, entre os quais, alguns se tornaram articuladores da rede, trazendo para ela novas experiências e novos questionamentos. Assim, a rede existe com uma forte articulação entre gerações, sendo exemplo de uma coletividade diversa, com conflitos e tensões saudáveis que precisam existir em uma rede democrática, sem deixar de ser um espaço amigável em sua recepção e escuta.

Além disso, o texto escrito por duas mulheres representa a potência feminina na rede, construída com a participação e condu-

ção de diversas mulheres, muitas delas negras e com aprendizados e culturas que enriquecem de forma ímpar o coletivo.

Por fim, ao apresentar as ações da rede, percebe-se que a museologia social, conforme praticada pela Remus-RJ, transcende a função normativa dos museus, utilizando o patrimônio cultural como uma poderosa ferramenta de transformação social. As ações da rede evidenciam que os museus podem e devem ser espaços de resistência, empoderamento e afirmação identitária.

Sabe-se que muito ainda pode ser dito sobre os tópicos aqui tratados, por isso, este texto não tem a pretensão de esgotá-los. No entanto, pretende-se trazer esperanças e compartilhar práticas sociais que afetam e são afetadas, transformando as realidades sociais e comunitárias, e, de alguma forma, inspirar outros fazeres museais e a construção de novas redes pelo país.

O compromisso de divulgar uma museologia comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e "equalitária" é o que move as autoras deste artigo e o que encontram diariamente no fazer de cada iniciativa que compõe a Remus-RJ. Nesse sentido, continuar e avançar com o trabalho aqui apresentado se mostra de extrema importância para as práticas museológicas.

Referências

CADERNOS DO CEOM: Revista do Centro de Memória do Oeste do Paraná. Chapecó: Unochapecó, ano 27, n. 41, 2014. Dossiê Museologia Social. Disponível em: https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168. Acesso em: 18 jun 2024.

CHAGAS, Mario; BRAGA, Sarah; LARDOSA, Nathália; PORTO, Henrique (org.). *Relatório da pesquisa diagnóstica da Rede de Museologia Social do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Espirógrafo Editorial; Rede de Museologia Social do Estado do Rio de Janeiro, 2024.

CHAGAS, Mario de Souza; PIRES, Vladimir Sibylla. Sociedade, museus e território. *In*: CHAGAS, Mario de Souza; PIRES, Vladimir Sibylla (org.). *Território, museus e sociedade:* práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Unirio; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018.

CHAGAS, Mário; PRIMO, Judite; ASSUNÇÃO, Paula; STORINO, Claudia. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. In: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mario (org.). *Introdução à Sociomuseologia*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2020.

CHAGAS, Mario; VEIGA, Juliana; CAVULLA, Rondelly. A Rede de Museologia Social do

Rio de Janeiro: um balanço em movimento. *In*: PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (org.). *Teoria e prática da Sociomuseologia*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2021.

CHAGAS, Mario; GONÇALVES, Renata de Sá; VASSALLO, Simone Pondé (org.). *Cuidando da vida:* relatos da vacinação contra a covid-19 no Museu da República. Série Documentos Museológicos, n. 6. [livro digital]. Rio de Janeiro: Museu da República, 2022.

CHAGAS, Mario. Museus, memórias e movimentos sociais. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 41, n. 41, 2012.

DECLARAÇÃO de Quebec – princípios de base de uma nova museologia, 1984. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 15, n. 15, 1999. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/342.

IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus). *Museus em números*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. v. 2.

ICOM. Mesa Redonda de Santiago do Chile. Tradução de Marcelo M. Araújo e Maria Cristina Bruno. *Cadernos de Sociomuseologia,* Lisboa, v. 15, n. 15, 1999, p. 95-104. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/335. Acesso em: 6 jun. 2024.

MINON (Movimento Internacional para uma Nova Museologia). *Declaração MINON Rio 2013*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://www.minom-icom.net/files/declaracao-do-rio-minom.pdf. Acesso em: 21 jun. 2024.

MONTEIRO, Simone Flores. *Política pública para museus no Brasil:* o lugar do sistema brasileiro de museus na política nacional de museus. 2016. Tese (Doutorado em Museologia e Políticas Públicas) – Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Lisboa, 2016.

PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mario (org.). *Introdução* à *Sociomuseologia*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2020

RECHENA, Aida; SANCHO, Emanuel; JANEIRINHO, Raquel. O MINOM-Portugal na museologia portuguesa contemporânea. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 64, n. 20, p. 13-20, 2020.

REDES de memória e resistência: documentário sobre a Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Remus-RJ, 10 ago. 2019. Vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_sc1xHROIL4. Acesso em: 21 ago. 2024.

REDES DA MARÉ. Direito à segurança pública e acesso à justiça: De Olho na Maré. Redes da Maré, [2022?]. Disponível em: https://www.redesdamare.org.br/br/info/22/de-olho-na-mare. Acesso em: 10 dez. 2024.

SANTOS, M. C. T. M. Reflexões sobre a Nova Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 18, n. 18, 2002. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363. Acesso em: 13 jan 2025.

TEIXEIRA, Maria Célia. Reflexões museológicas: caminhos de vida. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 18, p. 93-139, 2002.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática. *In*: ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS, 10., 2018. Conferência de abertura. São Paulo: Sistema Estadual de Museus de São Paulo, 2018. Vídeo. Disponível em: https://youtu.be/c8J8w9-aAaY. Acesso em: 21 jun. 2024.

VARINE, Hugues de. Entrevista. In: ROJAS, Roberto; CRESPÁN, José; TRALLERO, Manuel (org.). *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979, p. 8-21, 70-81.

VEIGA, Juliana. *A experiência da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro no fortalecimento de políticas de direito à memória das comunidades*. Rio de Janeiro: UFF, 2017. Disponível em: https://www.ppcultuff.com/_files/ugd/bba3f8_492278ce10da4ff7a06df254404df7f9.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.

Sarah Braga | Museóloga formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), mestre em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com ambas as pesquisas sobre museus sociais, e doutoranda em Sociomuseologia pela Universidade Lusófona de Lisboa. Atuou como museóloga em museus sociais como o Museu Vivo do São Bento e o Museu Sankofa Memória e História da Rocinha. Atualmente é vice-presidente do Minom e articuladora da Remus-RJ. Email: bragashs@gmail.com | Lattes: http://lattes.cnpq.br/6422777856011985 | Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5370-0719.

Nathália Lardosa | Museóloga formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Com experiência teórica e prática na área de museologia social, trabalha e pesquisa o campo desde 2013. Integra o grupo de articulação da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (Remus-RJ). Atualmente é uma das produtoras do projeto Rede em movimento: memória como resistência da Remus-RJ. Email: nathalialardosa@gmail.com | Lattes: http://lattes.cnpq.br/1294833409492268 | Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6257-1667.

<< Voltar ao início